



Recebido em: 26/11/2020

Aprovado em: 26/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

DIALÉTICA COMO CONCEPÇÃO METODOLÓGICA E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO MÉTODO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA¹

DIALECTICS AS METHODOLOGICAL CONCEPTION AND COMIC BOOKS AS A METHOD FOR PHILOSOPHY TEACHING

Sandro Luiz Modesto²

RESUMO

O artigo apresenta a concepção metodológica do ensino de Filosofia, como fundamento teórico para ensinar e aprender Filosofia na educação básica. A concepção metodológica é a dialética proposta por Mauricio Abdalla, a partir de Hegel e Marx, para dar suporte a prática educativa do filósofo-educador. O artigo apresenta também, a relação da concepção metodológica dialética com o método histórias em quadrinhos demonstrando seu potencial nas aulas de Filosofia, demonstrado em uma experiência em sala de aula que se apropriou dessa relação.

Palavras-chave: Dialética. Concepção metodológica. Método. História em quadrinhos.

ABSTRACT

The article presents the methodological conception of Philosophy teaching, as a theoretical foundation for teaching and learning Philosophy in basic education. The methodological conception is the dialectic proposed by Mauricio Abdalla, from Hegel and Marx, to support the educational practice of the philosopher-educator. The article also presents the relationship between the dialectical methodological conception and the comic book method, demonstrating its potential in Philosophy classes, demonstrated in a classroom experience that appropriated this relationship.

Keywords: Dialectic. Methodological conception. Method. Comic books.

INTRODUÇÃO

O Ensino de Filosofia na Educação Básica deve perguntar *como se conhece algo? Como fazer com que os estudantes assimilem determinado conteúdo ou postura filosófica?* Essas perguntas contribuem para a condução do processo pedagógico do ensino de Filosofia e para alcançar os objetivos propostos.

¹ Adaptação de partes da minha dissertação “Contribuição das histórias em quadrinhos como objeto de aprendizagem para o ensino de Ecofilosofia no ensino fundamental”. Agradecimentos ao professor Mauricio Abdalla pela orientação neste artigo.

² Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santos. Professor de Filosofia no Ensino Fundamental e Médio. E-mail: sandrovisky07@gmail.com.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3940764229612467>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4420-3454>.



O objetivo deste artigo é investigar respostas possíveis a essas perguntas. A dialética se faz concepção metodológica para aprender e ensinar, para fundamentar *o como se conhece algo*³. A proposta de ensino de Filosofia apresentada é a de Mauricio Abdalla, que pensa na concepção metodológica dialética por meio de Hegel e Marx, articulada com o método para ensinar Filosofia.

Nessa proposta, o método são as histórias em quadrinhos, um caminho eficiente para atingir os objetivos do ensino Filosofia. As histórias em quadrinhos já são utilizadas como ferramentas pedagógicas, mas aqui o escopo é o ensino de Filosofia, é compreender como este método contribui para que os jovens estudantes aprendam a filosofar na perspectiva dialética.

O relato de experiência de aplicação do método dialético de histórias em quadrinhos é modelo da relação dialética entre teoria e prática. Uma amostra das potencialidades da dialética.

1 DIALÉTICA COMO CONCEPÇÃO METODOLÓGICA E O MÉTODO NO ENSINO DE FILOSOFIA

Todo ensino deveria ser baseado em uma concepção metodológica. O método de uma determinada aula, quando acompanhado de uma concepção metodológica tende a atingir os efeitos desejados de forma mais eficaz. Por quê?

Vejamos o conceito de concepção metodológica e sua diferença com método, proposto por Abdalla:

[...] podemos dizer que concepção metodológica relaciona-se aos fundamentos teóricos do conhecimento, enquanto o método refere-se ao processo concreto de transformação da concepção metodológica em prática educativa, com determinados conteúdos e em diferentes contextos (ABDALLA, 2009b, p. 25).

Fica evidente a diferença entre um e outro. Concepção metodológica diz respeito à questão “como se conhece algum conteúdo” e o método ao “Como fazer para que os alunos conheçam tal conteúdo” (ABDALLA, 2009b, p. 25).

A concepção metodológica vincula-se aos objetivos e a questão deve estar de acordo com eles. Nossa questão é “Como conhecer algo articulando o saber construído historicamente

³ A expressão “*como se conhece algo?*” é a pergunta da concepção metodológica. Faz referência a todo objeto possível de conhecimento pelo ser humano.



e a autonomia da consciência?” ou ainda: “Como aprender Filosofia (construída historicamente) e filosofar (como processo do pensamento autônomo e abstrato)?”

Abdalla considera a Filosofia como atividade de pensamento e de abstração, aquela que busca os fundamentos do conhecimento e da ação no plano abstrato. Não é possível filosofar no imediatismo, sem passar pela mediatidade do pensar, da reflexão (ABDALLA, 2009b, p. 28).

Abstrair (do latim, *abstrahere*) significa tirar (*strahere*) de (*ab*) e toda abstração é retirada do mundo concreto e levada à inteligência/linguagem simbólica que deve retornar para o mundo concreto. Diante de um fenômeno social é possível viver sem se dar conta de sua concreticidade, perceber só a aparência desse fenômeno. Fazer uma abstração desse fenômeno significa distanciar-se das sensações do momento, elevar o pensamento, pesquisar e compreender por meio da economia, da história, da sociologia, da psicologia entre outras áreas do conhecimento e refletir sobre esse fenômeno. Investigar o fenômeno na gênese (história), na profundidade e no sentido (lógica). Ao retornar ao fenômeno, o modo de *vê-lo* terá mudado. Desse modo, “a Filosofia é uma forma de conhecimento que se dirige ao mundo, faz abstrações e retorna a esse mundo de uma maneira qualitativamente diferente da abordagem inicial.” (ABDALLA, 2009b, p. 29)

Esse processo é basicamente a postura filosófica diante do conhecimento. A palavra dialética vem do grego: *dia* (por meio de), *logos* (dimensão racional e discursiva do mundo) e *techné* (a arte da prática). Assim, tem-se *dialektiké*, que pode dar margem a ideia de “conversa”, daí a dialética.

Há diversas concepções de dialética na história da Filosofia. As reflexões de Abdalla sobre dialética seguem a tradição crítica descrita em sua tese de doutorado (ABDALLA, 2009 a, pp. 62-110) e se baseia no pensamento sobre método nos *Grundrisse* de Marx e esclarece

[...] o uso da expressão “teoria crítica” nesta tese refere-se tanto à crítica marxista e ao marxismo renovado da Escola de Frankfurt, quanto às outras elaborações no campo da filosofia marxista (como as de Gramsci e Lukács) e àquelas que procuram pensar a possibilidade da construção de um referencial teórico rigoroso capaz de, complementarmente, desvendar os mecanismos da *dominação, estabelecer critérios de validação dos conhecimentos* – capazes de dar sustentação às pretensões de verdade das proposições – e *sistematizar teoricamente os caminhos para a emancipação*; mesmo que algumas não estejam direta e estritamente vinculadas à tradição marxista ou frankfurtiana. (ABDALLA, 2009 a, p 71)



Para o ensino de Filosofia, a dialética proposta aqui é a Hegel e Marx. Abdalla considera a dialética um procedimento filosófico essencial que diferencia a Filosofia da ciência (ABDALLA, 2009b, pp. 29-30) e, em outro lugar, baseia-se em Hegel para confirmar sua ideia:

Sendo o mundo uma totalidade e resultado de um processo – e não um dado *em-si*, isolado –, só pode ser verdadeiro o conhecimento que o apreenda em sua gênese e totalidade. O “entendimento” (*Verstand*) só apreende os entes em sua imediatidade e individualidade e, por isso, permanece na aparência exterior; somente a *razão* (*Vernunft*) dialética consegue apreender os objetos em sua verdade, ou seja, na unidade de suas determinações históricas e lógicas. A dialética para Hegel é precisamente isso: “a natureza própria do pensar”, que deve, “enquanto entendimento, enredar-se na negação de si mesmo, na contradição” (Hegel, 1988, p. 80 *apud* ABDALLA, 2009a, p. 82).

Esse processo da dialética hegeliana, enquanto movimento do pensamento (filosófico) é descrita em três momentos:

- 1º – O mundo real é o ponto de partida do pensamento filosófico;
- 2º – O segundo momento é a negação (negar não é rejeitar, mas destruir sua aparência imediata⁴) do mundo;
- 3º – síntese da realidade com seus fundamentos abstratos. A realidade sai do plano imediato, passa pela negação, pela mediação da abstração e se torna realidade concreta (ABDALLA, 2009b, p. 30).

Marx mantém a essência da dialética de Hegel em seu pensamento, mas a torna materialista, baseado na práxis humana:

O pensamento dialético, no contexto teórico marxiano, é o que realiza o movimento teórico-racional que, considerando as contradições e a superação (*Aufhebung*) da realidade histórica, reprocha o aparecer fenomênico do mundo e faz surgir a totalidade concreta. Voltado para as instituições da sociedade, esse pensamento *revela as raízes da exploração social e da produção material do mundo humano e apela para a necessidade da ação emancipatória do ser humano como sujeito coletivo* (ABDALLA, 2009a, p. 90).

⁴ [...] “a *superação dialética* é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior. Isso parece obscuro, mas fica menos confuso se observamos o que acontece no trabalho: a matéria-prima é “negada” (quer dizer, é destruída em sua forma *natural*), mas ao mesmo tempo é “conservada” (quer dizer, é aproveitada) e assume uma forma nova, modificada, correspondente aos objetivos humanos (quer dizer, é “elevada” em seu valor). E o que se vê, por exemplo, no uso do trigo para o fabrico do pão: o trigo é triturado, transformado em pasta, porém não desaparece de todo, passa a fazer parte do pão, que vai ao forno e – depois de assado - se torna humanamente comestível” (KONDER, 2008 pp. 25-26).



A Filosofia pode contribuir para o serviço de transformação das relações de produção, para a educação, em sua especificidade, e favorecer a emancipação intelectual e consequentemente a práxis social⁵ de educadores e educandos, compreendendo a concreticidade (síntese do real com o pensamento) do mundo por meio de uma metodologia adequada (ABDALLA, 2009b, p. 32).

A dialética de Hegel da maneira que foi apropriada por Marx contribui para uma concepção metodológica, que responde a questão inicial – como se conhece algum conteúdo ou ainda mais profundo, como o conhecimento se processa? –, que passa pelo triplo movimento:

- 1) **Colocar os educandos em contato com a realidade vivida:** o filósofo educador deve, de modo interdisciplinar, criar condições para que o educando tenha contato com a realidade vivida, por meio de diálogos, recursos audiovisuais, fontes de leitura, visitas de campo etc. Além disso, deve estimular o interesse pela investigação, variar nas fontes de informação, identificar a realidade mais próxima do aluno e apreender os dados de maneira crítica (de onde provém as informações, que interesses tem sua fonte) (ABDALLA, 2009b, p. 33).
- 2) **Buscar, de maneira crítica, os fundamentos dessa realidade vivida:** A Filosofia abstrai a realidade, buscando seus fundamentos. Recursos que devem ser levados em consideração: a capacidade de abstração do filósofo-educador e do educando, os textos filosóficos (clássicos ou contemporâneos) e textos da cultura popular ou erudita (literatura, poesia, música etc.) e das ciências. A Filosofia conecta e estrutura à realidade fragmentada e imediata, utilizando-se das ciências e outros saberes para exercer a abstração e perguntar sobre os vínculos das diferentes dimensões da realidade (ABDALLA, 2009b, p. 35).
- 3) **Reconstruir a compreensão do real, substituindo o entendimento imediato, fragmentado e ingênuo da realidade por uma compreensão concreta, caracterizada pela conquista de autonomia de pensamento (sempre relativa) e por uma dimensão emancipatória:** este retorno à realidade, ao mundo reconstruído racionalmente pode e deve levar à emancipação intelectual, que por sua vez leva a

⁵ Termo utilizado por Dermeval Saviani e que corresponde a práxis no sentido marxiano. A prática social diz respeito as relações sociais vivenciadas por educadores e educandos e que se articula com a consciência de ambos. Na educação, a prática social proposta por Saviani deve passar pelo movimento dialético da síntese à síntese, pela mediação da análise.



mudanças éticas, políticas e subjetivas. Mudanças que intervêm em sua prática social (ABDALLA, 2009b, p. 39).

Abdalla (2009) traz importantes reflexões sobre concepção metodológica e método:

- 1) O método deve se efetivar e se guiar pelos princípios da concepção metodológica. Entre os dois deve existir a mesma relação que existe entre teoria e prática, fundamento e processo, intenção e fala (ABDALLA, 2009b, p. 27).
- 2) O fato de estarem intimamente ligadas não faz dessa relação um passo a passo, um padrão onde os três elementos da dialética aparecem ordenados em sequência, pois é possível uma sequência didática onde há interpenetração dos elementos da dialética que aparecem em vários momentos da sequência didática e, além disso, a prática docente sofre variações dentro de determinado contexto, por diversos fatores como: mudanças geográficas, grau de interação da turma, acesso ou problemas técnicos em recursos tecnológicos de ensino, a habilidade do educador, a interação com professores de outras disciplinas, contexto socioeconômico e cultural dos alunos, tempo disponível, entre outros fatores (ABDALLA, 2009b, p. 42). O planejamento do método pode não ocorrer conforme previsto, mas é preciso planejar e organizar o método prevendo os desvios eventuais. A concepção metodológica pode ser universalizada, o método não (ABDALLA, 2009b, p. 43), pois fica submetido à criatividade e à habilidade do filosofo-educador de se adaptar a sua realidade.
- 3) “O método [...] não é um “meio” para se transmitir conteúdos, mas um elemento que compõe a totalidade que se designa por *ensino*” (ABDALLA, 2009b, p. 45). Toda prática docente é um elemento do currículo, pois currículo é práxis. Neste sentido, é importante a elaboração do método baseado em uma concepção metodológica e fugir dos “espontaneísmos” de sala de aula, pois o educador torna-se consciente que o método educativo pode transmitir valores e concepções que podem ser contraditórios ou mesmo atrapalhar o alcance dos objetivos propostos, como a emancipação.
- 4) Levar em consideração os múltiplos aspectos da inteligência humana, integrando vivência, emoções, valores, sociabilidade e prática da solidariedade na elaboração de métodos e utilização de recursos e evitar apenas o aspecto instrucional (mera fixação de conteúdos) e a hipervalorização da dimensão



lógica, discursiva e racional do ensino de Filosofia. A ideia é manter a Filosofia como conhecimento racional rigoroso⁶, mas que passa pela afetividade, sociabilidade, a capacidade estética presente em muitos educandos. Tudo isso também deve estar presente na avaliação das aulas de Filosofia (ABDALLA, 2009b, p. 45).

Essas reflexões devem estar presentes na elaboração e aplicação do método dialético de ensino de Filosofia para viabilizar o aprendizado.

2 A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO MÉTODO DIALÉTICO

O método escolhido aqui é história em quadrinhos. Conhecido como *gibis* no Brasil, *história em quadrinhos ou banda desenhada* em Portugal, *comics* nos EUA e Canadá, *fumetti* na Itália, *tebeos* na Espanha, *bande dessinée* na França e Bélgica e *mangá* no Japão e intitulada de nona arte, as histórias em quadrinhos são reconhecidas como cultura pop ou mesmo cultura de massa e se tornaram populares, e depois que os super-heróis “explodem” no cinema, os quadrinhos se popularizaram ainda mais. A linguagem é atraente para muitos em qualquer faixa etária e isso facilita sua popularidade.

Quadrinhos é texto imagético em sequências, onde há relação entre leitor e a obra de arte. “O entrelaçamento entre o texto e a imagem é indivisível. Não existem quadrinhos sem texto. Existem quadrinhos mudos, sem balões, onomatopéias ou recordatórios, mas nunca sem texto” (BRANDÃO, 2017, p. 40). Entende-se texto como a narrativa, a história, mesmo que sem palavras.

E que relação é essa, entre leitor e obra de arte? Eisner (1985) utiliza o termo Arte Sequencial, como “[...] um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EISNER, 1985, p. 5) e mais adiante acrescenta: “A leitura de histórias em quadrinhos é um ato de percepção estética e esforço intelectual” (EISNER, 1985, p. 8), ou seja, requer do leitor uma interpretação visual e verbal.

MacCloud (1995) detalha mais sobre esse tema quando assim define história em quadrinhos: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a

⁶ Rigor em Filosofia é a postura investigativa, exigente, crítica e sistemática diante de um problema, fugindo do imediatismo do senso comum.



transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no telespectador” (MACCLOUD, 1995, p. 9).

Ao analisar os conceitos de Eisner (1989) e MacClaud (1995), Brandão (2017) conclui que as histórias em quadrinhos podem ser consideradas mídia interativa, “na qual o leitor é corresponsável pelo andamento da narrativa” (BRANDÃO, 2017, p. 36). Eis a relação do leitor com a nona arte: ele sente e pensa ativamente a *leitura* dos quadrinhos. Isso dá base para o método das histórias em quadrinhos no ensino de Filosofia.

Santos e Neto (2009) constatam que as histórias em quadrinhos podem ser expressão filosófica, pois:

A força argumentativa estará profundamente entranhada na narrativa e em seus vários movimentos, ou então nas imagens, que por si mesmos, descrevem situações e posições. Por certo, isso exigirá do leitor outro tipo de leitura [...] (SANTOS, NETO, 2015, p. 21).

Esse tipo de leitura é encontrado em uma boa história, conforme Cirne:

Para nós, o que seria uma “boa” estória [sic] em quadrinhos? Uma história que trouxesse informações novas no campo geral da linguagem; uma estória que soubesse relacionar dialeticamente imagem e texto; uma estória que refletisse as preocupações básicas de uma dada sociedade; uma estória que desencadeasse todo um processo criativo (CIRNE, p. 51, 1971).

É este tipo de história que a Filosofia se utiliza para pensar e possibilitar o pensamento: saber relacionar dialeticamente imagem e texto é contar a história de modo que sua estética demonstre a clareza do enredo e possibilite o pensamento.

Os quadrinhos podem ser um texto filosófico, uma forma de ver a realidade. A leitura de determinados quadrinhos coloca o educando em contato com a realidade vivida, mesmo que em linguagem metafórica, em um mundo de fantasia. Dependendo da história, há além da realidade vivida, elementos que possibilitam a abstração dessa mesma realidade.

Por exemplo, as histórias em quadrinhos dos grupos de super-heróis mutantes, chamados de *X-Men*, apresenta recortes da realidade e de modo ficcional traz elementos para pensar o preconceito e a diversidade.⁷ Há possibilidades para aprender dialeticamente ética e questões da adolescência nas aulas de Filosofia. O filósofo-educador pode apresentar situações

⁷ *X-Men* é uma equipe de super-heróis de histórias em quadrinhos da Marvel Comics. Criada em 1963, por Stan Lee e Jack Kirby. Mutante é o nome dado aos seres humanos que dão um passo a mais na evolução, o *homo superior*, pessoas que nascem com superpoderes e que se manifesta, na maioria das vezes, na puberdade. Os mutantes causam estranheza e medo pela população, causando reações de ódio, preconceito e intolerância.



reais de preconceito para os estudantes, confrontar essas situações com uma determinada história dos *X-Men*⁸ e dialogar e provocar o pensamento sobre a realidade vivida, de modo que os estudantes *olhem* de outro modo essa realidade.

Para que a compreensão fique ainda mais clara, segue um exemplo de sequência didática dialética com quadrinhos, aplicada em duas turmas de sexto ano do ensino fundamental para ensinar Ecofilosofia:⁹

- 1) **Ver a problemática ambiental**
- 2) **Leituras de história em quadrinhos de ecofilosofia**
- 3) **Oficinas para aprender a fazer história em quadrinhos**
- 4) **Criações das histórias em quadrinhos pelos alunos**
- 5) **Exposições das produções**

Nos detalhes da sequência didática é possível vislumbrar como o triplo movimento da concepção metodológica dialética do ensino de Filosofia perpassa cada passo, sem ser um passo-a-passo, com sequências estanques,

1- VER A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL
OBJETIVO
Favorecer a constatação da problemática da realidade socioambiental.
DESENVOLVIMENTO
A - Roda de conversa inicial, com apresentação da proposta da pesquisa e a temática a ser trabalhada ouvindo o que os alunos têm a dizer da questão ambiental.

⁸ Sugiuro “Deus ama, o homem mata” (1983). A história traz o reverendo William Striker, que difama os mutantes pela mídia televisiva, manipulando a opinião pública e promove, secretamente, um genocídio aos mutantes. A história trata de preconceito, intolerância e fanatismo religioso contra os mutantes. CLAREMONT, Chris (argumento). ANDERSON, Brent (arte). *X-Men – Deus ama, o homem mata*. Marvel Comics. Barueri: Panini Comics, 2003

⁹ Elaborado e aplicado por mim em duas turmas de 6º ano em uma escola no município de Cariacica-ES que tem a Filosofia em seu currículo.



B – Roda de conversa sobre os vídeos —Man ¹⁰ e A história das coisas. ¹¹ Perguntas para os alunos sobre o que veem, se aquelas imagens estão presentes em seu bairro, que sensações causam o lixo na rua, o esgoto a céu aberto, a poluição do ar etc.
AVALIAÇÃO
Observação e registro escrito da fala dos alunos.
2 – LEITURA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE ECOFILOSOFIA
OBJETIVO
Ler a história em quadrinhos sobre EcoFilosofia para fomentar um pensamento diferente sobre a problemática vislumbrada no primeiro momento.
DESENVOLVIMENTO
A história em quadrinhos é uma produção do autor deste trabalho e tem como conteúdo a problemática ambiental, os autores de EcoFilosofia presentes nesta obra e propostas de solução, com linguagem lúdica e apropriada para a faixa etária de 11 a 12 anos.
A – Com exemplares da revista em quadrinhos sobre EcoFilosofia, o pesquisador e os alunos lerão juntos, alternando o leitor na sala de aula.
B – Após a leitura, inicia-se a busca por saber as diferentes compreensões (ou não) dos quadrinhos lidos.
AVALIAÇÃO
Observação do momento sobre a leitura e compreensão do texto e registro do mesmo.
3 - OFICINA PARA APRENDER A FAZER HISTÓRIA EM QUADRINHOS
OBJETIVO
Aprender técnicas de criação de história em quadrinhos
DESENVOLVIMENTO
A – Os alunos receberão um texto explicativo, sobre como se constrói uma história em quadrinhos.
B – No estilo passo-a-passo haverá noções de criação de personagens, desenho, onomatopeia, texto da história em quadrinhos (HQ).

¹⁰ Man é uma animação produzida pelo inglês Steve Cutts e mostra como muitos animais são brutalmente abatidos para o benefício do mercado da moda, da gastronomia, da decoração ou simplesmente pelo prazer da caça quando, por exemplo, um dos personagens de Man exhibe cabeças de ursos como troféus. O curta mostra também a poluição do ar, da água e da terra provocada pelo homem. É uma clara constatação de que o ser humano é o responsável pela crise ambiental.

¹¹ A história das coisas é um documentário com a apresentação e texto de Anne Leonard e animações que ilustram de modo didático como – as coisas são produzidas passando pela extração, produção, distribuição, consumo e descarte e quais e quanto de impacto são causados pelo superconsumismo.

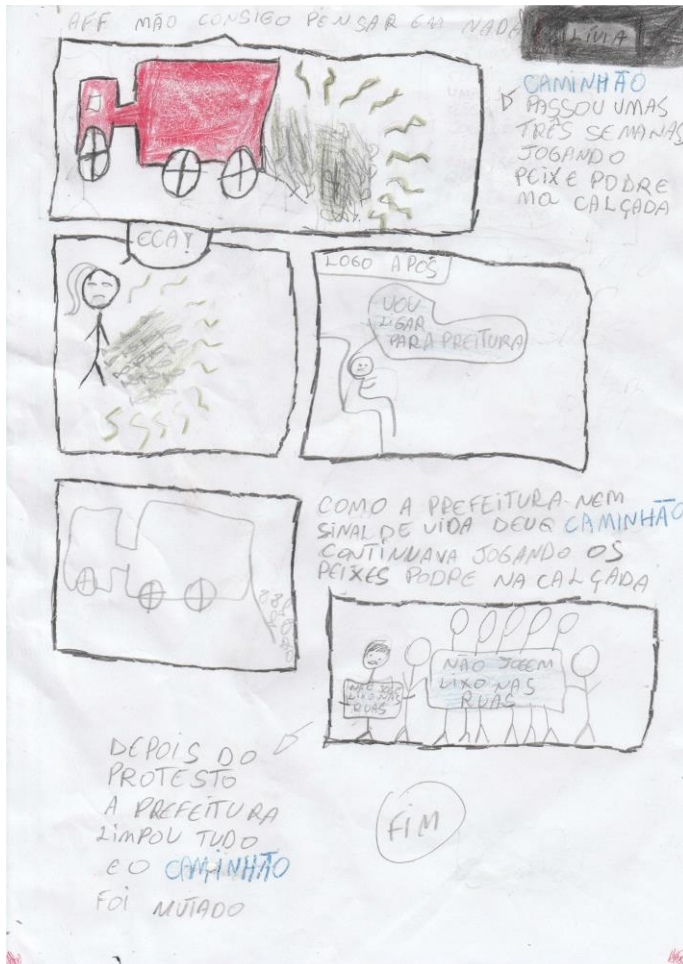


C – Será orientado também sobre a temática a ser construída, que é a proposta de repensar a relação homem e natureza, mudando pensamentos e atitudes.
AVALIAÇÃO
Perceber o <i>feedback</i> dos alunos nas orientações de como criar uma história em quadrinhos, com registro.
4 - CRIAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PELOS ALUNOS
OBJETIVO Propor novas formas de pensar o mundo através da criação de uma história em quadrinhos sobre o tema.
DESENVOLVIMENTO
A – Entregar papel do tipo A4 para os alunos e repetir a proposta de construção da HQ;
B - Pedir para que os alunos iniciem o trabalho de criação da HQ onde apareça um problema ambiental e uma solução para o problema
C - Acompanhar o andamento dos trabalhos, conversando com os alunos sobre suas ideias e propostas;
D - Conversar com os alunos sobre os trabalhos prontos, elogiando e propondo uma reflexão sobre suas histórias em quadrinhos.
AVALIAÇÃO
Registro das histórias em quadrinhos e de todo o processo para análise.
5 - EXPOSIÇÃO DAS PRODUÇÕES
Expor os quadrinhos e coletas as percepções da produção do outro

No passo “Criação das Histórias em Quadrinhos pelos alunos” o triplo movimento dialético aparece ao trazer a realidade do educando (na forma de um problema ambiental), por favorecer o processo de abstração dessa realidade (para pensar no problema e na solução) e reconstrói a compreensão do real (criando a solução para o problema). A ideia é que o educando saia de um nível de consciência, da imediatidade do senso comum e mediado pela abstração, passe para outro nível de consciência, como aconteceu na experiência apresentada. Após todo o processo, o estudante deve ter uma visão diferente daquela de antes de entrar em contato com a concepção metodológica e o método dialético.

2.1 O protesto

A leitura e criação de histórias em quadrinhos juntamente com a conversa com os estudantes, da forma como foi apresentada, pode proporcionar essa mudança, pois contém elementos que mediam essa passagem de níveis de conhecimento, conforme os exemplos de produção de quadrinhos dos alunos:



Legenda 1: Caminhão passou umas três semanas jogando peixe podre na calçada: *Eca! Vou ligar para a prefeitura!*

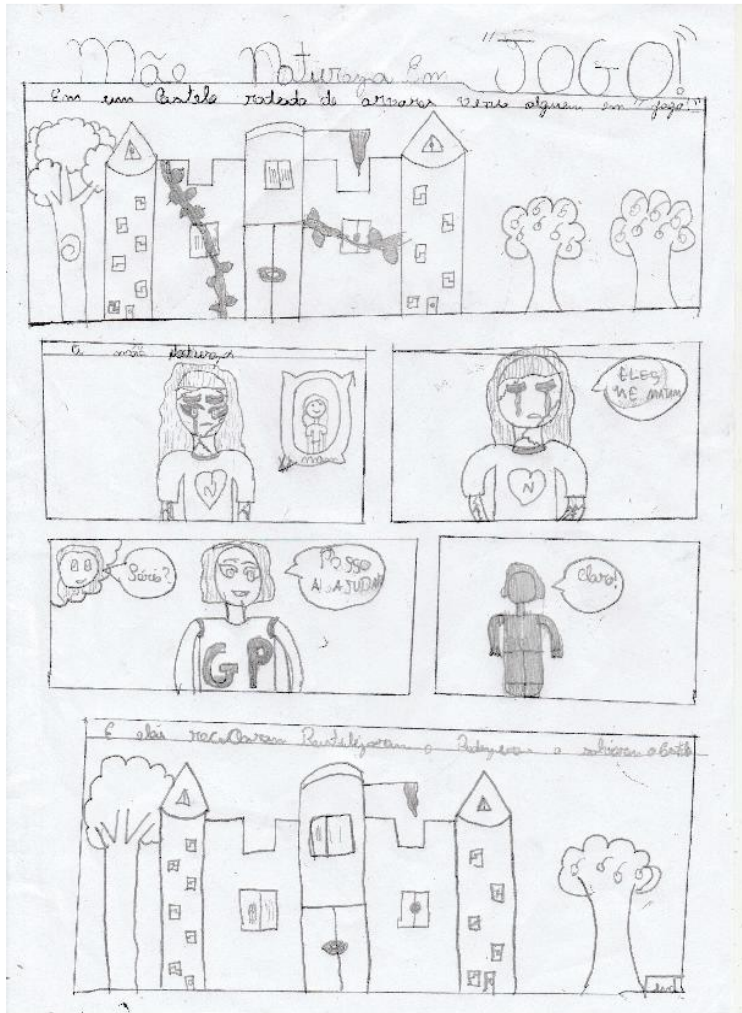
Legenda 2: Como a prefeitura nem sinal de vida deu, o caminhão continuava jogando os peixes podre [sic] na calçada. Último quadrinho com multidão com placas dizendo “Não joguem seu lixo nas ruas” seguido da última legenda: Depois do protesto a prefeitura limpou tudo e o caminhão foi *mutado* [sic]. FIM

Figura 1 Fonte: Registrado pelo autor (2019)

Há muitos quadrinhos produzidos pelos alunos com essa ideia de denunciar na prefeitura. Mas a conclusão difere dos demais por pensar em grupo de pessoas que protesta contra os que não cumprem seus deveres e contra o próprio Estado que não cumpre sua responsabilidade de fiscalizar e fazer a lei ser cumprida. Constatei a ideia de militância e de coletividade presente nesta história em quadrinhos, ideia que não havia no início desse processo.

2.2 Reciclar, reutilizar e reduzir

Quadrinho criativo com conclusão baseada em dos resultados da *ECO 92* no Rio, os 3R's:



Título: Mãe natureza em Jogo

Legenda 1: Em um castelo rodeado de árvores, vive alguém em jogo.

Legenda 2: Fala da Mãe Natureza: *Eles me matam*. Uma personagem com as iniciais GP na camisa diz: *Posso ajudar?* A Mãe Natureza responde, surpresa: *Sério? Claro* – Responde a personagem com as iniciais GP na camisa.

Legenda 3: – E elas reciclaram, reutilizaram e reduziram e salvaram o castelo.

Figura 2 Fonte: Registrado pelo autor (2019)

Perguntei ao aluno o que significava o GP na camisa da personagem e ele disse: — *Greenpeace*. Isso me fez perceber uma clareza sobre militância ecológica. Além disso, ele também me falou o que entendia sobre os 3 R's: *“É... bom, eu acho que é quando todo mundo diminui as compras, reutiliza o que já usamos, tipo garrafa pet e recicla as coisas”*.

O processo passou por algumas dificuldades. A primeira delas é ligada ao tempo, pois há muitas atividades e eventos da escola no último trimestre e algumas aulas foram perdidas com isso. Outra dificuldade é com os alunos faltantes e os que não cumpriram a tarefa. A situação pedagógica dos alunos dos sextos anos é um problema da escola e, em conversa com outros professores, constatei ser problema de muitas escolas. Muitos não foram devidamente alfabetizados e tem dificuldades de escrita.

Nenhuma destas dificuldades impediu o processo de atingir o objetivo principal de passar de um nível de conhecimento para outro nível, sair do aparente e avançar para o concreto. Houve avanço e processo de abstração, conforme visto nas produções das histórias em quadrinhos e nos diálogos, mas logicamente que para o nível escolar de pré-adolescentes com certa dificuldade de escrita e totalmente mergulhados no senso comum, é um passo dado.



A metodologia dialética presente nesse processo foi fundamental para chegar a este objetivo. É uma forma de estruturar e conduzir o processo de ensino aprendizagem que traz a mudança planejada pelo educador, mas não definitivamente, pois novas sínteses virão com novas experiências educacionais.

3 CONCLUSÃO

A dialética proposta aqui, parte da realidade vivida e retorna para a realidade reconstruída pela abstração. Esse movimento não linear no ensino de Filosofia tem um caráter revolucionário quando promove emancipação e intervenção na prática social do estudante. O pensamento que supera o imediatismo da realidade, que organiza a forma como essa realidade nos é apresentada pelo senso comum e que abstrai a pseudoconcreticidade desse mundo pode revolucionar, por desestabilizar ideologias que sustentam a noção de realidade. Ensinar e aprender Filosofia e a filosofar exigem uma concepção metodológica.

O método ao ser sustentado pela concepção metodológica intensifica o processo de ensino aprendizagem de Filosofia. A concepção metodológica dialética é uma possibilidade concreta para embasar e intensificar ainda mais o método escolhido para ensinar Filosofia. As histórias em quadrinhos são um tipo de leitura ativa, com potência para a criatividade, crítica e a emancipação do estudante e, portanto, um método, que com a concepção metodológica dialética, pode atingir os objetivos em um processo de ensino-aprendizagem de Filosofia.

A experiência de ensino de Filosofia demonstrada é uma possibilidade de aprender a filosofar com quadrinhos. Há variadas formas de recriar o método com quadrinhos, sem perder de vista a concepção metodológica, como a experiência com fanzines. Concepção válida para os alunos que afirmam não saber desenhar ou a atividade de criar o texto nos balões em quadrinhos com desenhos prontos, como no uso de *softwares* para a produção de história em quadrinhos etc. É possível criar e recriar dentro de processos pedagógicos e contextos educacionais diversos. O filósofo-educador deve se apropriar da concepção metodológica dialética, ler e conhecer a estrutura das histórias em quadrinhos e ter clareza do conteúdo filosófico a ser ensinado.



Recebido em: 26/11/2020

Aprovado em: 26/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Mauricio. *Educar para a cooperação: a nova racionalidade e as perspectivas para a educação crítica*. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória: UFES, v. 1, 2009a.
- ABDALLA, Mauricio. *Como ensinar Filosofia: o desafio do filósofo-educador*. 1ª. ed. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2009b.
- BRANDÃO, D. *A linguagem dos quadrinhos – curso quadrinhos em sala de aula*. Fascículo 3. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2017.
- CIRNE, M. *A linguagem dos quadrinhos*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- KONDER, L. *O Que é Dialética* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2008.
- SANTOS, R.; NETO, E. S. Narrativas gráficas como expressão do ser humano In: NETO, E. S.; SILVA, M. R. P. (org). *Histórias em quadrinhos e práticas educativas*. Volume II: os gibis estão na escola, e agora? 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015. p.15–25.